

Prólogo

WREN

PASSADO

Contraí os olhos enquanto observava o arqui-inimigo. Baixei a cabeça como se inclinasse o chapéu num daqueles *westerns* antigos. Juro que o monstro estava a gozar comigo. «Por favor, por tudo o que é mais sagrado, não queimes.»

Na assadeira, o frango e os vegetais não reagiram. Nunca reagiam. Manifestavam o descontentamento tornando-se pretos e esturricados, tentasse eu o que tentasse.

Praticava havia semanas. Sempre que voltava ao talho do mercado, o Sal fazia-me um sorriso compreensivo e ia buscar-me outro frango. Ele tentara dar-me várias dicas. Até imprimira receitas e retirava os miúdos.

Estava a melhorar. Mas os resultados, embora comestíveis, ainda não sabiam muito bem. Sussurrando uma oração que quase não se ouvia, abri o forno e enfiei a assadeira lá dentro. Fechei a porta e encostei-lhe a mão enquanto fechava os olhos. «Por favor, por favor, *por favor.*»

Frango no forno e puré de batata era o prato preferido do Holt. Quando eu pedira a receita à minha mãe, ela fizera-me um sorriso doce, de olhos a brilhar. «É uma receita de família, transmitida pela minha bisavó. Mas eu sei que contigo ficará em boas mãos.»

Mordi o lábio enquanto fitava o forno. Instalou-se-me no peito o já familiar aperto. Eu queria muito que saísse bem. Perfeito.

Se o Holt estivesse aqui, provavelmente encostaria os lábios à minha testa e dir-me-ia que respirasse. Que o importante era a intenção, não o resultado. Depois comeria o frango mais esturricado do mundo, se isso me pusesse um sorriso no rosto.

Como se o tivesse invocado apenas com os pensamentos, o meu telefone tocou em cima da bancada — um toque que era só dele. Não que eu precisasse de um especial para o Holt. Podia contar pelos dedos de uma mão o número de pessoas que me telefonava regularmente.

O Holt. A irmã, Grae. Duas amigas da escola. A minha avó. Os meus pais é que não, pois aproveitavam todas as oportunidades para viajar para tantos sítios que eu nem conseguia acompanhá-los. Ao pegar no telemóvel, tentei lembrar-me se era a uma conferência em Cincinnati ou Chicago que eles tinham ido naquele fim de semana.

Sorri. A foto que apareceu no ecrã era a minha preferida: os braços do Holt abraçavam-me, tinha os lábios na minha testa e os seus olhos azul-escuros brilhavam. O sorriso piroso na minha cara dizia tudo: o meu lugar mais feliz era sempre nos seus braços.

Deslizei o polegar pelo ecrã.

— Espero que não estejas a ligar porque tiveste de salvar um gatinho de uma árvore, e agora vais chegar tarde.

O riso do Holt ecoou do outro lado da linha. Era mais profundo do que quando tínhamos começado a namorar dois anos antes. Um som que fazia um arrepio agradável percorrer-me a pele.

Essa era a dádiva de conhecer alguém desde sempre. Víamos todas as suas encarnações. Eu tinha uma vida inteira de risos para rever, desde rapazinho até adolescente e depois homem. Ouvi o modo como a idade foi assentando naquele som e o tornou mais rouco.

— Não vou chegar tarde, Grilinho. Só estou a ligar para perguntar se precisas que vá buscar alguma coisa à loja.

Olhei para a cozinha: estava um caos, mas tinha tempo de a arrumar.

— Acho que não. Só preciso de ti.

— E é assim que será sempre.

Havia um calor na sua voz que apaziguava muitas das minhas arestas rugosas. As causadas pelos meus pais desaparecidos devido às suas viagens e por viver sozinha numa casa vazia. Aquelas de nunca me sentir boa o suficiente, por mais altas que fossem as minhas notas, ou por mais atividades extracurriculares que tivesse. Com o Holt, eu podia simplesmente *existir*.

— Isso agrada-me — disse, baixinho.

Ouviram-se vozes ao fundo.

— É o Nash. Disse-lhe que o ajudava com a bicicleta.

As vozes aumentaram de volume. Era a típica cacofonia da casa Hartley. Com quatro irmãos e uma irmã, era sempre um caos mal-contido. Eu adorava. Era muito diferente do silêncio estéril da minha casa.

— Diz-lhe olá.

— Pequena Williams, larga os tomates do meu irmão por dez minutos, se faz favor — disse o Nash.

Ouviu-se uma luta e depois um grunhido.

— Merda, Holt. Isso doeu.

O Holt soltou um rugido grave.

— É o que acontece quando se é um idiota.

Não consegui conter a gargalhada que me saiu dos lábios.

— Eu ouvi isso, Wren — ripostou o Nash. — E não me esquecerei de que te riste da minha dor.

— Desculpa, Nash Bash — disse eu, alto o suficiente para ele ouvir no outro lado da linha.

— Não peças desculpa a este palerma — replicou o Holt.

— Adorável palerma — gritou o Nash, com a sua voz a afastar-se do telemóvel.

Outra gargalhada borbulhou da minha boca.

O Holt suspirou.

— Desculpa lá isto.

— Ele é inofensivo.

Adoro a sensação de pertencer ao clã Hartley. As provocações do Nash. A amizade inabalável da Grae. A atitude protetora de irmão mais velho do Lawson. Até as caras feias que o Roan costuma fazer. Adorava que me tratassem como se fosse da família. Adoro que me tratem como uma deles.

— Tão inofensivo como uma paulada na cabeça — disse o Holt. — É melhor ir ajudá-lo, senão nunca mais volto para a minha miúda.

Aquele calor regressara. E espalhava-se. Afundava-se em sítios que eram só dele. Baixei a voz.

— Holt?

— Hum? — Os seus passos disseram-me que já estava a caminho da enorme garagem da propriedade dos Hartley.

— Hoje, especificamente, não vais querer chegar tarde. — A minha voz indiciava uma promessa velada.

Os passos do Holt pararam.

— Grilinho...

Senti borboletas no estômago.

— Não chegues tarde.

A lista de coisas que normalmente impediam o Holt de ser pontual era interminável. Uma mamã pata tentava atravessar a rua e ele parava o trânsito para que ela e os filhotes chegassem ao outro lado em segurança. Ele não conseguia encontrar as chaves. Procurara por toda a parte até as descobrir na porta da *pick-up*. Mas a mais comum era ter saído com o pai para responder a um pedido de busca e salvamento. Esquecera-se de mandar mensagem e a Grae tinha inevitavelmente de me dizer por onde andava.

Eu não podia levar-lhe nada a mal porque os seus motivos eram sempre muito bons. *Ele* era muito bom. Era o Holt. Distraía-se com facilidade, mas tinha o melhor coração do mundo. E eu amaria esse coração até morrer.

— Não vou chegar tarde. — A voz do Holt era grave e recheada de promessas.

Aquele calor dentro de mim acendeu-se.

— Até já.

— Até já, Grilinho.

A ligação terminou, mas mantive o telemóvel encostado ao ouvido, porque ainda ouvia as notas da voz que conhecia melhor do que a minha a envolver-me. Havia poucas coisas que adorasse mais do que a minha alcinha a sair-lhe dos lábios.

Sorri ao lembrar-me de como ele a inventara. Estávamos a jogar ao Fantasma no Cemitério e eu ficara aterrorizada quando chegara a minha vez de me esconder, com o coração a martelar com tanta força na caixa torácica que tremia.

Quando o Holt se aproximara de mim sorrateiramente, eu soltara o chilreio mais lamentável de sempre, nem sequer era um grito nem um guincho. Ele puxara-me para um abraço, com o seu corpo quente e forte a envolver o meu como um casulo, e dissera: «Não te preocupes, Grilinho. Eu espanto os fantasmas.»

Ele tornara-se sinónimo de segurança muito antes de sermos um casal. Cuidava de mim desde que eu aprendera a caminhar. Mas era mais do que isso. Em qualquer lugar onde estivesse sentia-me mais em paz com o Holt ao meu lado.

Apertei o telemóvel com mais força contra o peito, enquanto um milhão de memórias me passava pela cabeça. Estava pronta. Não queria o clichê de perder a virgindade com o Holt num quarto de hotel depois do baile de finalistas dele no mês seguinte. Não queria que a nossa primeira vez fosse no seu quarto da residência universitária depois de ele sair de Cedar Ridge para a Universidade de Washington no outono, com receio de que o seu colega voltasse a qualquer momento. Queria algo especial. Eu e ele.

Desencostei-me da bancada, dirigi-me às escadas e subi os degraus dois a dois. Ao contornar a esquina e entrar no meu quarto, estudei o espaço com novos olhos, avaliando se seria demasiado infantil.

Nunca sentira a diferença de dois anos tanto como agora que ele iria para a universidade. Estaria a poucas horas de distância, mas

parecia que iria para outro planeta. Deixei escapar uma expiração entrecortada.

A distância não importava. O que eu e o Holt tínhamos nascera para durar. Já havíamos passado por muito juntos, altos e baixos, coisas banais e extraordinárias. Aniversários e feriados. Problemas com os pais e a quase perda da Grae. Jantares de família e acampamentos com os Hartley. As nossas vidas estavam entrelaçadas para sempre.

Eu tinha todas as encarnações do seu riso, e não iria abdicar delas.

A pensar nisso, fui para o chuveiro. Não pus música a tocar, como era habitual. Deixei que as memórias do Holt descessem pelo meu corpo, qual cascata, enquanto lavava o cabelo e o secava. Maquilhei-me meticulosamente, acentuei os olhos amendoados, fazendo-os parecer mais verdes. E enfiei o meu vestido preferido, que o Holt adorava.

Peguei no telemóvel e vi as horas. Uma gargalhada suave escapou-se-me. Quinze minutos atrasado. Mas eu conhecia o Holt, por vezes melhor do que a mim mesma. Portanto, estava a contar com isso. O frango ainda demorava trinta minutos.

Ouvi a porta de um carro a bater, e uma revoada de sensações percorreu o meu peito. Corri até à janela e espreitei pelas cortinas quase transparentes. Mas não era a *pick-up* cinza do Holt que estava no acesso à minha casa, mas sim um *SUV* que eu conhecia, novo, que já tinha algumas amolgadelas.

Senti um aperto no estômago quando vi o Randy Sullivan e o Paul Matthews a sair. O que faziam eles ali? Deitei um olho rápido à estrada, tentando perceber se se teriam enganado na casa. Se fosse de noite, diria que estavam ali para enrolar papel higiénico à volta da minha casa, porque pregar-me rasteiras nos corredores e gozar comigo nas aulas não era suficiente, ao que parecia.

O seu riso fez-me voltar a concentrar-me neles. O Paul levantou a mão com o polegar e o indicador a formar uma arma apontada à minha janela. Senti um arrepio na espinha.

O Randy ria-se, subiu os degraus a correr e tocou à campainha.

O som ecoou pela minha casa em silêncio. Mas não me mexi.

A campainha tocou outra vez.

— Wren — cantarolou o Randy. — Desce.

Algo na sua voz sempre me fizera impressão na pele e deixara os meus nervos em franja. A minha avó dizia que tínhamos intuição por algum motivo, e que, se não lhe déssemos ouvidos, éramos tolas. Por isso, fiquei exatamente onde estava.

Enquanto eles continuavam a tocar à campainha, observei-os. Estavam um ano à minha frente e eram iguais aos outros miúdos do liceu: *T-shirts* e calças de ganga, o cabelo um pouco despenteado. Mas tinham algo cruel na sua expressão. Desde sempre.

Eu não era a única pessoa com quem eles implicavam, mas eram todas fisicamente mais fracas do que eles. Talvez porque tivessem passado um mau bocado no segundo ciclo. Talvez aquela maldade estivesse simplesmente neles. Fosse qual fosse o motivo, afastava-me deles sempre que podia.

— Se calhar não está em casa — disse o Paul, espreitando pela janela lateral.

O Randy abanou a cabeça.

— O carro está cá.

— Então, saiu com o Holt.

O Randy apontou para as luzes que iluminavam a sala de jantar e a cozinha.

— Ela encontra-se em casa. Aposto que o garanhão está aí não tarda.

Um sorriso horrível repuxou os lábios do Paul.

— O que se passa, Wren? — chamou ele. — Não queres falar connosco?

— Ah, ela vai falar connosco, vai — replicou o Randy. Enfiou a mão por baixo da *T-shirt* e tirou da cintura algo que não distingui.

A minha cabeça juntou as peças antes do cenário completo. Um cabo preto bem agarrado pelos dedos do Randy, um cano prateado a cintilar à luz do crepúsculo. Uma arma.

Ouvi um zumbido. Não é que nunca tivesse visto uma arma. A nossa cidade ficava muito longe dos percursos principais na zona oriental do estado de Washington, aninhada entre montanhas devido às quais era por vezes impossível chegar a Cedar Ridge de carro no inverno. Tínhamos ursos, pumas e coiotes. Caçadeiras e espingardas eram habituais, sobretudo para pessoas que viviam em zonas mais isoladas.

Mas acho que nunca vira um revólver, e de certeza não na mão de um colega da escola à porta da minha casa.

O Paul riu-se e também tirou uma arma da cintura.

— Já tentaste a porta? Provavelmente está destrancada.

A maior parte das pessoas que viviam à volta da cidade não se preocupava com esse tipo de coisas. Mas eu ouvia sempre a voz do Holt na cabeça: «Quero ouvir essa fechadura a rodar.»

Ele odiava que os meus pais me deixassem sozinha tanto tempo. Treinara-me vezes sem conta a verificar todas as portas e janelas antes de ir para a cama. Com o passar do tempo, tornara-se um hábito. Uma compulsão. Eu trancava todas as portas depois de entrar. A Grae ficava doida por não poder entrar logo, até que lhe dei uma chave.

O meu coração batia acelerado contra as costelas enquanto os meus dedos deslizavam, a tremer, pelo ecrã do telemóvel. Só à quarta tentativa consegui marcar aqueles três pequenos números. Um. Um. Dois.

— Polícia, bombeiros e emergência médica de Cedar Ridge. Em que posso ajudar?

— Estão dois tipos armados a tentar entrar na minha casa — sussurrei.

— Merda. Está trancada — ouvi o Randy murmurar.

O Paul suspirou e dobrou-se, vasculhando os degraus.

— Tem de haver uma chave escondida aqui algures.

— Com quem falo e qual a sua localização?

— Wren Williams. — Digo a minha morada.

— Wren, é o Abel. Vou mandar-te ajuda. Continua a conversar comigo. Estás num sítio seguro?

Agarrei nas cortinas e vi o Paul e o Randy a dar a volta à casa. A cada passo, ficavam mais perto do maldito sapo de louça que a minha mãe tinha no alpendre das traseiras, debaixo do qual estava a chave *só para emergências*.

— Andam à procura da chave. — Tremia-me a voz e eles desapareceram da minha vista. Talvez eu devesse fugir. Mas o meu vizinho mais próximo vivia a oitocentos metros. Bastaria um tiro de sorte para me fazer arrepender de correr esse risco.

— Há alguma lá fora?

— Sim — respondi entre dentes.

— Quero que te escondas, Wren. No sítio onde seja menos provável eles procurarem-te.

A minha cabeça andava à roda. Quantas vezes eu e a Grae tínhamos jogado às escondidas naquela casa? Perdi-lhe a conta. Conhecia todos os nichos e cantos. Mesmo assim, não conseguia que o meu cérebro colaborasse.

— Wren? — insistiu o Abel.

— Eu... não sei para onde ir.

— Que tal o sótão ou um vão estreito? Um roupeiro? Ou debaixo de uma cama?

Passou-me pela cabeça uma série de imagens. Opções. No sótão, não. A porta era demasiado óbvia. A entrada para o vão ficava no andar de baixo. Não podia arriscar. A ideia de me enfiar debaixo de uma cama deu-me um aperto no peito.

Tinha de ser num roupeiro. Comecei a mexer-me. O meu seria um dos primeiros sítios onde eles procurariam. Apetecia-me ir para o dos meus pais e rodear-me dos seus cheiros, mas obriguei-me a optar pelo sentido oposto, para o segundo quarto de hóspedes.

O pânico corria-me nas veias enquanto analisava o espaço. Nenhum dos roupeiros dava grande proteção ou esconderijo. Seria demasiado fácil vasculhá-los.

Corri outra vez para o corredor e fui até à casa de banho dos hóspedes. Abri o armário sob o lavatório. Pousei o telemóvel e

esvaziei-o das poucas coisas que tinha. Atirei-as rapidamente para uma das gavetas.

Peguei no telemóvel e enfiiei-me no armário, agachada. Sempre fora de altura média e feliz por isso, grata por passar despercebida. Mas naquele momento daria tudo para ser baixinha como a Grae.

Puxei as portas, mas elas não fecharam completamente e encostei-me mais à parede.

A voz do Abel ouviu-se na linha.

— Wren, onde estás?

— Na casa de banho. Dos hóspedes. Debaixo do lavatório. Quanto tempo demora a polícia a chegar?

Uma parte de mim esperava que fosse o irmão mais velho do Holt, o Lawson, a responder à chamada. A outra metade não queria que ele se aproximasse.

O operador ficou calado no outro lado da linha.

Senti o coração cair ao chão.

— Abel?

— Hoje, houve três tiroteios. Todos os guardas disponíveis estão fora. Já chamei dois, mas eles encontram-se na montanha. Vão demorar um pouco.

Três tiroteios. Não era possível. Não numa cidade tão pequena como a nossa. O pior que acontecera fora um acidente de carro grave que matara duas pessoas. Os tiroteios ocorriam em cidades grandes. Não ali.

O zumbido nos meus ouvidos intensificou-se e infiltrou-se em todo o corpo. Só podiam ter sido eles. O Randy e o Paul. Passaram-me pela cabeça milhões de coisas. Perguntas: quais foram os alvos e por que razão morrera alguém?

Ouvi uma pancada na porta das traseiras e dei um salto, batendo com a cabeça.

— Wreeeeeeen, vejo comida na tua bancada. Sabemos que estás em casa — exclamou o Randy.

— Conseguiu vê-los, Wren? Reconheceste-os?

— Sim. R-Randy Sullivan e Paul Matthews. Andam na minha escola.

— E viste as armas deles?

— Sim. Revólveres.

Estava a ficar dormente, como se aquilo estivesse a acontecer a outra pessoa, e eu assistisse de cima.

— Tens uma arma?

— Não. — A minha voz falhou.

O pai do Holt, Nathan, fizera questão de nos ensinar a usar armas, como segurança, mas fora a única vez em que pegara numa arma, a não ser que contasse uma faca de cozinha.

— Os guardas demoram quinze minutos. Não tarda estão aí.

— Encontrei! — exclamou o Paul.

Ouvi a chave na fechadura, o cilindro a rodar e a lingueta a deslizar. Ou talvez fosse a minha imaginação, mas parecia que uma bomba acabara de explodir na porta traseira.

— Eles entraram em casa. — As minhas palavras quase não se ouviam enquanto passos subiam as escadas. — Não fales.

O Abel não disse nada, mas ouviu-se um clique na linha. Um anuir quase indistinguível.

No meu quarto, ao fundo do corredor, irrompeu o caos. Móveis a partirem-se e a porta do roupeiro a bater.

— Onde raio está aquela cabra? — grunhiu o Randy.

— O garanhão não está aqui para te proteger, pois não?

Ó Deus. Holt. A minha cabeça lutou consigo mesma. Parte de mim queria que ele estivesse ali para me salvar daquele pesadelo. Mas outra parte queria-o o mais longe possível daquela casa.

De repente, vi a cara perversa do Randy na cabeça. A raiva que se formara nela quando me convidara para sair no sétimo ano e eu recusara.

Respirava em arfadas rápidas enquanto o Randy e o Paul andavam de quarto em quarto. Quando ouvi passos na casa de banho, fiquei sem ar. Alguém afastou a cortina do chuveiro.

Ouviu-se um tiro e depois vidro a estilhaçar-se.

— Poupa as balas para coisas importantes — aconselhou o Paul.

— Ela está aqui, algures — disse o Randy de dentes cerrados.

— E vamos encontrá-la.

Ouviram-se passos leves lá em baixo, e o alívio e o medo lutaram dentro de mim. O Holt ou a polícia? O Holt teria tocado à campainha. Era a polícia. Tinha de ser.

As portas do armário abriram-se de repente e o Paul assobiou.

— Olha o que encontrei, Ran. Se não é uma sonsa escondida debaixo do lavatório.

Um sorriso escarninho contorceu o rosto do Randy enquanto o Paul me puxou para fora.

— Ajoelha-te.

O Paul atirou-me ao chão. Bati na tijoleira com uma força que me provocou um choque na coluna, e o meu telemóvel caiu no tapete.

O Randy apanhou-o e esbugalhou os olhos para o ecrã. O seu dedo clicou no ícone de desligar.

— A cabra estava a falar com o 112. Disseste à bófia quem estava aqui?

— N-não.

— Mentirosa.

O Randy deu-me uma bofetada com tanta força que a minha cabeça virou-se para trás e senti o sabor de sangue.

Ouviram-se passos na entrada. Rezei para que os polícias se despachassem.

O Paul pisou o meu telemóvel e o ecrã fez um som de estar a ser esmagado. A única coisa que conseguia ver era a minha fotografia com o Holt, agora estilhaçada em milhões de pedaços.

— Temos de sair daqui. A bófia vem a caminho.

Os olhos do Randy brilharam.

— Não. Primeiro vou divertir-me com ela.

Ouviu-se uma sirene ao longe. Mais ajuda.

Despachem-se.

Entoei esta palavra repetidamente na cabeça como se me pudesse salvar.

— Temos de ir *agora* — gritou o Paul.

— Então, ajuda-me a metê-la no carro. Vou demorar-me com esta. Senti o estômago às voltas e o gosto metálico na boca intensificou-se.

O Paul ergueu a arma. Eu não conseguia desviar os olhos da boca apontada a mim. Dentro do escuro do cano passaram *flashes* de memórias. Risos enquanto eu voava depois de o Holt me ter atirado ao lago. O frémito debaixo da pele na primeira vez que os lábios dele tocaram nos meus. O Holt a abraçar-me com força enquanto eu deixava as lágrimas caírem quando os meus pais se esqueceram do meu aniversário. Duas vezes. Planear o grande e belo futuro que seria o nosso.

Os meus melhores momentos tinham sido com o Holt. Mas não tinham sido suficientes, nem de perto, nem de longe.

Abri a boca para gritar. Para implorar. Nem sabia o quê. Mas não tive hipótese.

Ouvi um disparo, como o som de um petardo a deslizar pelo ar.

Um calor floresceu no meu peito. Depois fogo. E eu a escorregar.

O chão estava tão frio, gélido, comparado com o inferno que me ardia no peito. Queria afundar-me naquele frio para fugir ao calor. Mas, acima de tudo, queria o Holt.

— O que raio...? — berrou o Randy.

— Não vale a pena sermos presos por causa dela, meu. Temos de bazar!

O teto derreteu-se numa cascata de cores, os pastéis fundiram-se até quase parecerem o meu momento do dia preferido. O crepúsculo. Quantas vezes obrigara o Holt a ficar comigo até o pôr do Sol passar para eu poder ver a noite a cair? Para que o céu pudesse confortar a minha alma.

Quase senti os lábios do Holt contra a testa. «Eu verei todos os pores do Sol contigo. E todos os nasceres também.»

Passos bateram nas escadas.

— Onde raio está o Holt? Precisamos dos dois.

Tentei fazer com que o meu cérebro localizasse aquela voz, mas não consegui...

«Não te preocupes, Grilinho. Eu espanto os fantasmas.»

O teto do pôr do Sol escureceu, e a única coisa em que consegui pensar foi que ainda bem que o Holt estava atrasado.

Mas teria dado tudo para sentir os seus braços à minha volta mais uma vez.